

Capítulo Um

TALIA

— Treze. — O marcador rangia contra o metal enquanto desenhava mais um risco na parte de dentro da porta do meu cacifo.

Treze.

— Um novo recorde.

Treze dias sem um único paciente a levantar-me a voz. Treze dias sem ninguém a pedir para ser visto pelo Dr. Anderson, pelo Dr. Herrera ou pelo Dr. Murphy em vez de ser visto por mim. Treze dias sem a Rachel, a enfermeira-chefe do Hospital de Quincy, a dar-me um sermão por... seja lá o que for que a incomode.

Foram treze dias bons.

Quais eram as hipóteses de esta sequência aguentar até ao Natal, que era já na próxima semana? Se chegasse aos vinte e dois dias seguidos, isso significaria que passara um mês inteiro de trabalho sem que ninguém pusesse em causa a minha inteligência, a minha formação ou as minhas competências.

A porta do balneário abriu-se e a Rachel apareceu à entrada. *Oh, por favor. Não estragues isto agora.*

— Olá, Rachel. — Forcei um sorriso. — O dia correu bem?

— Normal. — A voz saiu-lhe seca. Estava na casa dos quarenta e muitos e talvez fosse bonita se conseguisse relaxar um pouco. Ou se

soltasse o cabelo. Mas, em três anos a trabalhar com ela, nunca a vi com outro penteado que não fosse aquele coque apertado, o cabelo loiro já com fios grisalhos nas têmporas.

Era curto? Comprido? Não faço ideia. Mesmo nas poucas vezes em que a vi fora do hospital, o cabelo estava sempre igual. Será que era isso que a deixava com aquele mau feitio? Aquilo devia apertar tanto que só podia causar-lhe dores de cabeça. A cara fechada era tão constante como o penteado. Já alguém a teria visto sorrir?

— Tenho aqui um problema com um registo, Talia.

— Está bem — respondi, num tom arrastado.

Sabia perfeitamente que não havia problema algum. Já lá vão três anos de sermões da Rachel sobre que campos preencher, como quer que os médicos escrevam as notas e onde é que as enfermeiras *dela* costumam ir buscar os dados dos pacientes.

O Dr. Anderson, o Dr. Murphy e o Dr. Herrera faziam as coisas à maneira deles. Escreviam as notas onde calhava. Alguma vez ela os repreendera? Claro que não. Também nunca os tratava pelo primeiro nome. Eu era a médica mais nova da equipa, e ela fazia questão de me lembrar constantemente de que eu era apenas uma interna.

Era apenas a Talia.

Era apenas a rapariga que cresceu nesta cidadezinha do Montana e que gostava tanto da sua terra que decidiu voltar depois da Faculdade de Medicina. Queria retribuir à minha comunidade e, quem sabe, um dia, conquistar o respeito que o Dr. Anderson foi ganhando ao longo dos anos até se tornar o médico mais acarinhado de Quincy.

Além de ser meu chefe, foi ele quem ajudou a trazer ao mundo os meus cinco irmãos e a mim. É uma figura incontornável na nossa terra. Será que a Rachel reclamava com ele por causa dos registos? Tenho sérias dúvidas.

— Vamos lá ver isso. — Guardei o marcador na prateleira do cacifo, fechei a porta e segui atrás dela até ao posto de enfermagem mais próximo.

A Rachel sentou-se e começou a percorrer os registos do hospital com impaciência, enquanto eu aguardava, pairando-lhe por cima do ombro. Quando abriu o processo certo, afastou-se ligeiramente para eu conseguir ver o ecrã.

Era o processo da Memphis. A minha cunhada tinha vindo esta tarde para uma consulta de rotina da gravidez. Passei os olhos pela informação, à procura de algo fora do normal. Medicação prescrita? Nenhuma. Análises pedidas? Apenas a análise de urina da praxe. Batimentos cardíacos do bebé? Normais. A enfermeira tinha registado os sinais vitais da Memphis.

— Qual é o problema? — perguntei.

— As tuas notas.

— O que têm? — Tinha escrito umas frases rápidas a indicar que a Memphis se sentia bem e que o peso e a tensão estavam dentro dos valores normais.

— Não consigo ler estas notas e perceber que preocupações foram discutidas com a paciente.

— Consegues ler essas notas e ver que a paciente não tinha preocupações a discutir. — Mantive o sorriso no rosto, firme, mas, bolas, esta mulher adorava implicar comigo. Já lá iam três anos disto, e estava a tornar-se cansativo.

Aquilo era uma perda de tempo. E ela acabara de deitar por terra a minha sequência de treze dias bons.

Porque é que era sempre ela? Seria assim tão horrível eu desejar que ela se reformasse mais cedo? A sua equipa de enfermagem era ótima. Era um prazer trabalhar com elas, e apostava um ano do meu salário em como nenhuma se sentiria mal-informada com as notas sucintas no processo da Memphis.

Mas para a Rachel nada do que eu fazia era suficiente. Via o hospital como seu, e eu era a médica demasiado jovem e inexperiente a vaguear pelos corredores, a invadir o território que considerava seu.

— Há mais alguma coisa? — perguntei. — Tenho planos para o jantar.

A Memphis fora a última paciente do dia, e o Knox tinha vindo com ela. O meu irmão não falhava uma consulta quando se tratava da mulher e dos filhos. Depois da consulta, convidaram-me para jantar, e eu raramente dizia que não à comida do Knox. É dono do melhor restaurante da cidade e, embora as refeições no Knuckles sejam sempre excelentes, a verdadeira magia acontece quando cozinha em casa para quem mais ama.

O meu almoço de hoje tinha sido uma barra de cereais seca e um batido de proteína. O meu estômago já protestava há uma hora. Como se me ouvisse, voltou a roncar.

A Rachel lançou-me um olhar desaprovador, os olhos a descerem até à minha cintura, enquanto o lábio se torcia num esgar.

Isto só podia ser um teste, certo? Talvez a Rachel estivesse a pôr-me à prova e isto fosse uma espécie de ritual de iniciação para médicos internos. Talvez quisesse saber se eu tinha estofo para ser médica em Quincy. Que outra razão haveria para este mau feitio constante? O que raios fizera eu para ela não gostar de mim?

Nada. A resposta era nada. Por isso, só podia ser um teste.

Mas fosse ou não, a Rachel ia precisar de mais do que exigências picuinhas e caras feias para me deitar abaixo. O meu sonho era trabalhar no Hospital de Quincy. Este hospital era tão meu como dela. A minha família fundou Quincy e mais tarde doou dinheiro para ajudar a construir o hospital.

— Boa noite, Rachel. — O meu tom era mais doce do que um saco de guloseimas no Halloween. Acenei com um dedo e afastei-me do balcão em direção ao vestiário.

Estava vazio, por isso deixei escapar um gemido ao rodar a combinação do cadeado e abri a porta com força. Peguei no pano de micro-fibras que guardava na prateleira e apaguei os meus riscos.

Zero.

— Bolas!

Com sorte, a Rachel deixaria de implicar comigo quando terminasse a residência. Era isso que faltava para me tratar como trata os outros médicos? Uma licença médica definitiva?

Faltava pouco. Muito pouco. Felizmente, tive sorte depois da faculdade. Muitos hospitais de pequena dimensão não estão autorizados a receber internos, mas o Dr. Anderson tratou disso há anos, para poder acolher um de vez em quando. O Dr. Murphy foi o primeiro. Depois candidatei-me eu, e ele aceitou-me como sua residente.

Nunca conversámos sobre o momento exato para fazer o exame final, mas presumia que fosse na primavera. E, passados mais alguns anos, queria candidatar-me à especialidade em medicina familiar, tal como o Dr. Anderson.

Se obtivesse a certificação, seria suficiente para que os pacientes deixassem de me olhar de lado quando entrava numa sala? Não acontecia sempre. Acontecia menos do que há um ano, mas ainda ocorria. Consequia escutar os sussurros.

— *Ela tem idade para ser médica?*

— *Tem a certeza de que ela sabe o que está a fazer?*

— *Nenhum dos outros médicos está disponível?*

A maior parte das resistências vinha de homens, especialmente dos mais velhos. Mesmo com vinte e nove anos, havia muitos senhores respeitáveis de Quincy que me continuam a ver como a *filha* do Harrison Eden.

Mas eu sou boa médica, certo? Se não estivesse a cumprir bem o meu papel, o Dr. Anderson já mo teria dito. Não me deixaria tratar ninguém se achasse que eu pudesse magoar alguém.

As dúvidas vinham sempre ao de cima depois de um confronto com a Rachel.

Fechei os olhos, levei os dedos à cana do nariz e contei em silêncio. *Um. Dois. Três. Quatro. Cinco.* Chega de autocomiseração. Vesti o casaco preto por cima da blusa azul-clara da bata, atirei a mala ao ombro e saí.

Precisava de um jantar de família. O Knox e a Memphis estavam à minha espera no átrio. Uma refeição quente em casa deles e uma hora com o meu sobrinho Drake seria, com certeza, o suficiente para me levantar o ânimo.

Em vez de seguir pelo corredor dos funcionários, empurrei a porta que dava para o átrio. O balcão da recepção estava vazio. A Jenny, a enfermeira que fazia os dias de semana, devia ter saído à hora certa. Esta entrada servia para consultas marcadas e alguns atendimentos pontuais. As portas fechariam em breve, e quem aparecesse depois disso teria de passar pelas urgências.

O Knox e a Memphis estavam no centro do átrio, a conversar com um homem de costas voltadas para mim.

Tinha a altura do Knox, ombros largos, cintura estreita. Nem a camisola com capuz lhe escondia o corpo tonificado. E, valha-me Deus, aquele rabo merecia um segundo olhar. Não havia muitos homens em Quincy com aquele físico, pelo menos, não que não fossem da minha família. Quem seria?

— Estou à procura de uma médica que trabalha aqui — disse o homem. — Talia Eden.

Fiquei imóvel. *Não*. Isto não podia estar a acontecer. Não podia ser ele. Mas reconheceria aquela voz em qualquer lado. Mesmo depois de sete anos.

O meu coração disparou, e lancei-me para trás do balcão da recepção. Os joelhos embateram no chão polido, e cerrei os dentes com força para não soltar um gemido.

Que raio. O que estava ele a fazer aqui? E por que razão andava à minha procura?

— Pode tentar nas urgências — sugeriu a Memphis. Mais tarde, havia de lhe dar um abraço em jeito de reconhecimento, porque tinha a certeza de que ela me vira, de relance, quando entrei no átrio. — Talvez consigam ajudá-lo a encontrá-la. Basta sair por estas portas e seguir pelo passeio até ao outro lado do edifício. Não tem como falhar.

Aproximei-me devagar do balcão, com cuidado para não tocar na cadeira nem fazer barulho.

— Obrigado. — Escutaram-se passos, depois o som das portas automáticas a abrir-se e a fechar-se.

Ufa. Soltei o ar que estava a prender, mas o coração continuava-me entalado na garganta.

— Ele já foi embora — disse o Knox, lá do meio do átrio.

Levantei-me aos poucos, só os olhos a espreitar por cima do tampo do balcão.

— Foi-se mesmo embora?

— Sim. — O Knox acenou com a cabeça. — Queres explicar por que razão te estás a esconder do Foster Madden?

— Não. — De todo. Nunca falava sobre o Foster Madden. E havia um motivo para isso.

Endireitei-me e contornei o balcão em pontas de pés, os olhos colados às janelas, não fosse o Foster reaparecer de repente. Mas só vi neve no passeio.

— Tenho de ir.

— E o jantar? — perguntou a Memphis.

— Fica para outro dia.

Antes que me pudessem travar, disparei a correr. Velocidade nunca foi o meu ponto forte — aguentava melhor provas longas, a um ritmo certo —, mas não ia arriscar cruzar-me com o Foster à porta. Saí disparada do átrio e, depois de confirmar que ele já não estava no passeio, desatei a correr para o carro.

As minhas mãos apertavam o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos ainda antes de sair do parque de estacionamento às escuras. Olhei para o retrovisor pelo menos umas duzentas vezes enquanto conduzia pela cidade, à procura de faróis que pudessem estar a seguir-me. Só quando entrei em casa, e me encostei ao balcão da cozinha com um copo de vinho na mão, deixei escapar finalmente o ar todo.

O que estava ele a fazer aqui? A sua vida era em Las Vegas, exatamente onde eu o tinha deixado. Onde ficara depois de me partir o coração. Porque é que agora andava à minha procura? Porque é que, depois de tanto tempo, tinha vindo para o Montana?

O estômago embrulhou-se-me. Eu não queria vê-lo. Não queria ouvir aquela voz nem olhar para aqueles olhos cinzentos-azulados.

Passaram sete anos e eu continuava sem estar preparada para o encarar outra vez. Será que se o evitasse durante tempo suficiente, ele ia-se embora?

— Não — murmurei. A menos que o Foster tivesse passado por uma mudança de personalidade radical, mais cedo ou mais tarde havia de encontrar-me. A alcunha dele era *Punho de Ferro* por alguma razão. Era tenaz. Persistente. Imparável.

Mas pelo menos hoje tinha escapado. Não conseguiu apanhar-me desprevenida. Dei um gole no vinho e levei o copo comigo para o andar de cima, para o quarto. Troquei de roupa e tomei um duche para lavar o dia.

Quando voltei à cozinha, o cabelo escuro estava molhado e preso num nó. Já tinha trocado a bata por umas *leggings* e uma camisola gasta da Universidade de Washington. Abri o frigorífico e tirei uma embalagem de ovos. Não era uma refeição à Knox Eden, mas hoje uma omelete ia ter de servir. Se tivesse ficado para jantar, a Memphis e o Knox ter-me-iam bombardeado com perguntas.

E eu não estava pronta para responder.

O meu pai sabia do Foster, apenas porque esteve presente no rescaldo. Tinha voado até Las Vegas para me ajudar com a mudança, e viu-me no meu pior. A minha mãe também sabia, porque o meu pai não lhe escondia nada. Mas da única vez que ela mencionou o nome dele, supliquei-lhe que nunca mais o pronunciasse.

Isso foi nos dias mais difíceis. As feridas sararam, quase todas, mas isso não significava que estivesse preparada para reviver a dor. Era demasiado para mim. Demasiado difícil. Demasiado humilhante.

O que é que ele estava aqui a fazer? Depois de todo este tempo... não me tinha já esquecido?

Os ovos caíram mal num estômago completamente aos nós, mas forcei-me a comer. Ia ser a mesma coisa ao pequeno-almoço, só sem o vinho. Estava a passar o prato por água quando a campainha tocou.

A escova escorregou-me da mão e caiu no lava-loiça com estrondo.

Era ele. Não precisava de ver quem estava à porta para saber. Só podia ser o Foster. A campainha voltou a tocar. Depois, uma batida.

Porque é que não sequei o cabelo? Porque é que não vesti outra coisa? Qualquer bata de hospital teria sido melhor do que aparecer à frente dele com a cara lavada e descalça. Estas *leggings* tinham um buraco no joelho, e a camisola parecia ter vindo do armário dos meus irmãos.

Se não abrisse, ele ia-se embora? Ou ficava ali a noite toda, a saber que eu estava dentro de casa? E se o evitasse agora, voltava a aparecer no hospital? Era o último sítio onde queria ter esta conversa.

Peguei no copo e bebi o resto do vinho de um trago, coragem líquida. Assim que o fundo ficou vazio, endireitei os ombros e atravessei a casa.

Quanto mais depressa resolvesse isto, melhor. Ia perceber o que o trazia aqui e mandá-lo embora. Com um pouco de sorte, de manhã já tinha desaparecido de Quincy.

O coração batia-me com tanta força que até doía. Cada pulsação ecoava pelo corpo. Inspirei fundo e prendi a respiração enquanto me esgueirava até à entrada, passos leves, sem ruído. Quando cheguei à porta, levantei-me em bicos de pés e espreeitei pelo olho mágico.

O Foster estava de perfil, o olhar perdido na varanda coberta. Tinha deixado crescer a barba. E ficava-lhe bem. Curta, aparada, dava para ver na mesma os ângulos definidos do maxilar. Mas o meu Foster não tinha barba, apenas aquela sombra nos dias em que não se barbeava.

Uma pontada atravessou-me o peito. Aquele não era o meu Foster. Já não havia Foster nenhum que fosse «meu».

Ele levantou o dedo e voltou a carregar na campainha. Depois passou a mão pelo cabelo castanho-escuro — devia andar a fazer isso a noite toda, porque as pontas estavam espetadas em direções aleatórias.

Baixei dos bicos de pés e esperei mais três batidas do coração, cada uma mais pesada do que a anterior. Depois destranquei a porta e abri.

Foster Madden. O homem com quem namorei durante um ano, dois meses e onze dias.

O homem que amei com tudo o que tinha.

O homem que jurei esquecer.

Aquilo que se via pelo buraco não lhe fazia justiça. Estava tão bonito como me lembrava. Talvez mais ainda, por causa daquela maldita barba.

A idade só lhe acentuava os traços marcados. Estava maior do que antes, o corpo moldado por anos a treinar como se fosse uma máquina de combate. A camisola preta com capuz esticava-se no peito largo, moldava-se aos ombros. As calças de ganga assentavam-lhe nas ancas estreitas e caíam até à parte de cima das botas de mota.

Quantas vezes tracei o alto do nariz dele com a ponta do dedo? Quantas noites me afoguei naquele azul profundo, cor de oceano? Quantos beijos dei àquela boca suave e arredondada?

— Talia.

Céus, aquela voz. Grave e rouca. O meu nome nunca soou tão bem como soava saído da boca do Foster.

— O que estás aqui a fazer?

Ele estudou-me o rosto.

— Não ficaste surpreendida por me ver.

— Não. — Cruzei os braços sobre o peito, enquanto o frio da rua atravessava-me a roupa. — Vi-te no hospital.

O maxilar dele contraiu-se.

— Viste-me.

— O que estás aqui a fazer? — repeti. — E como descobriste onde moro?

Não era difícil descobrir. Quincy ainda não tinha dado o salto completo para a era digital, e o jornal local continuava a imprimir uma lista telefónica anual, além de publicar os dados *online*.

— Passou muito tempo — disse ele. — Como estás?

Passou muito tempo. Como estás?

— Vens até aqui e atiras-me uma conversa de circunstância? A sério?
A tua mulher sabe que estás aqui?

Ele ergueu a mão esquerda e abanou o dedo anelar, nu.

— Não sou casado.

Quando é que se tinha divorciado? O problema de jurar esquecer alguém é esse: durante sete anos, nunca me permiti procurar pelo Foster.

Nunca lhe espreeitei as redes sociais, nunca escrevi o nome no Google. Nunca vi nenhum dos combates dele no *pay-per-view* e, se aparecia na ESPN, desligava a televisão ou saía da sala. Os meus irmãos costumam alugar lutas da UFC. E eu já dissera mais do que uma vez que estava de prevenção, só para evitar as festas.

— Porque é que estás aqui? — O tom áspero da minha voz apanhou-nos aos dois de surpresa.

A dor toldou-lhe o olhar. Engoliu em seco e baixou o queixo.

O que é que ele esperava? Que eu abrisse os braços e o recebesse de volta na minha vida?

Mas o olhar magoado desapareceu tão depressa como surgira. E tudo o que ficou foi determinação pura. O foco fixo. A coluna direita. O maxilar contraído. Era o olhar do Foster no ringue. Normalmente antes de ganhar.

Enfiou a mão no bolso das calças e tirou uma chave prateada.

— Toma.

Peguei nela quando ele me estendeu, com cuidado para os nossos dedos não se tocarem. Ele já não era meu. Já não tinha o direito de lhe tocar.

— O que é isto?

— O meu edifício.

— O teu edifício. — Semicerrei os olhos. Era bom que estivesse a falar de um edifício no Nevada.

A mão voltou ao bolso e saiu com um pedaço pequeno de papel. Pegou na minha outra mão e abriu-a com delicadeza.

Um arrepio percorreu-me o braço. A ponta calejada dos dedos dele deixou-me a pele a formigar.

Os olhos dele brilharam por um instante, como se também tivesse sentido aquele choque, enquanto me colocava o papel na palma e largava a mão logo de seguida.

— É a morada.

Ao ler o nome da rua, o coração caiu-me aos pés.

— Isto é em Quincy.

— Sim.

— Porque é que tens um edifício em Quincy?

— Vai lá amanhã e descobres.

— Não.

Desta vez, enfiou a mão no outro bolso e tirou um pequeno saco de veludo, num tom familiar de azul-petróleo.

— Aposto que isto vai fazer com que seja um sim.

— O que é isto? — perguntei, quando me estendeu o saquinho.

O Foster não respondeu, nem esperou que eu o abrisse. Virou-se sobre os calcanhares e atravessou a minha varanda a passos largos, desceu as escadas e correu até ao passeio. Contornou o capô de uma carrinha preta e brilhante, ligou o motor e seguiu pela rua fora.

Afastei-me devagar da soleira da porta, batendo-a com o pé assim que as luzes traseiras desapareceram. A cada segundo que passava, o saquinho parecia mais pesado.

Não abras.

O Foster estava a contar com a minha curiosidade. Não tinha respondido a uma única pergunta esta noite. Limitou-se a deixar-me com ainda mais do que aquelas que já tinha.

Não abras.

— Argh. — Estiquei a parte de cima do saquinho e virei-o ao contrário. O que estava lá dentro caiu na palma da mão, ao lado da chave.

Um anel. Um diamante de dois quilates, lapidação esmeralda, cravado numa aliança de ouro.

Ofeguei quando a luz do teto fez a pedra brilhar. Como é que ele tinha este anel? Porquê?

Na outra mão, amassei o papel até ficar uma bola, os dedos a apertar com toda a força.

Depois desfi-lo.

Maldito. Devia ignorá-lo. Devia fingir que ele não existia. Mas, tendo em conta que não consegui fazê-lo durante sete anos, duvidava que fosse esquecer o Foster Madden até amanhã de manhã.